

05

**UMA DISTOPIA DO PRESENTE?
O FUTURO EM A EXTINÇÃO DAS ABELHAS
DE NATALIA BORGES POLESSO¹**

Júlia Braga Neves

*Recebido em 22 mar 2022.**Aprovado em 28 mai 2023.***Júlia Braga Neves**

Doutora em Literatura e Cultura Inglesas pela Universidade Humboldt de Berlim e pelo King's College London, 2018.

Universidade Federal do Rio de Janeiro.

É membro dos grupos de pesquisa “Distopia e Contemporaneidade” e do “Laboratório de Teorias e Práticas Feministas (PACC-UFRJ)”.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3595438360845230>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4548-3491>.

E-mail: juliabrneves@letras.ufrj.br.

Resumo: Este artigo tem o objetivo de discutir as representações de futuro em *A extinção das abelhas* (2021), de Natalia Borges Polessa. Parte-se da hipótese de que o mais recente romance da autora aponta para mudanças na estrutura temporal da história na contemporaneidade. Refletindo sobre uma extensão do presente na narrativa, construída por uma repetição contínua de ações, argumenta-se que a futuridade está associada ao movimento da protagonista, Regina, e de sua mãe Lupe. Porém, esse futuro não denota uma possibilidade de

1 Título em língua estrangeira: “A Dystopia of the Present? The Future in *A extinção das abelhas* by Natalia Borges Polessa”.

progresso, mas é calcado num adiamento do fim (o colapso final) e num desejo por um horizonte inédito e imprevisível. Por último, busca-se discutir o papel das noções de futuro e presente, relacionados à movimento e à estagnação, respectivamente, na construção das personagens Regina e Lupe e no desenvolvimento do enredo.

Palavras-chave: Distopia. Natalia Borges Polesso. A extinção das abelhas. Apocalipse. Literatura e história.

Abstract: This article aims to discuss the representations of the future in Natalia Borges Polesso's *A extinção das abelhas* (2021) by arguing that the author's most recent novel points to shifts in history's temporal structure in contemporaneity. Reflecting upon an extension of the present in the novel, which is constructed by a continuous repetition of actions, I contend that futurity in the novel is constructed through the protagonist, Regina's, and her mother, Lupe's movement through space. However, this notion of future does not convey a possibility of progress, but is defined by a deferral of the end (a final collapse) and by a desire for unprecedented and unpredictable action. Lastly, I aim to discuss the role of the notions of the future and the present, related to movement and stagnation, respectively, in the construction of the plot and of the characters Regina and Lupe.

Keywords: Dystopia. Natalia Borges Polesso. A extinção das abelhas. Apocalypse. Literature and History.

INTRODUÇÃO

Para alguns críticos, como Robert Tally, a afirmação de que “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que imaginar o final do capitalismo” (TALLY, 2019, p. 268, tradução minha) já se tornou um lugar comum. No início do século XX, o filósofo Slavoj

Zizek explica que se podia vislumbrar um horizonte fora dos parâmetros do capitalismo liberal. Porém, na pós-modernidade, o fim do mundo aparece como uma realidade mais plausível do que “uma mudança mais moderada no modo de produção, como se o capitalismo liberal fosse o ‘real’ que sobreviverá de alguma maneira até dentro das condições de uma catástrofe ecológica global” (ZIZEK, 1994, p. 1, tradução minha).

Tally e Zizek dialogam principalmente com as visões de Fredric Jameson, a quem esse prognóstico do colapso total é originalmente atribuído: segundo Jameson, o fato de que apreendemos com mais facilidade a destruição da natureza e do planeta terra do que o fim do capitalismo tardio aponta justamente para o fracasso da nossa imaginação (JAMESON, 1994, p. xii). No entanto, Jameson (2005) enxerga na ficção científica e nas utopias um potencial para a concepção de mundos que sejam alternativos ao que temos: “o desejo chamado de Utopia deve ser concreto e contínuo, sem ser derrotista e incapacitante”, de forma que seja imprescindível entendermos as contradições como partes fundamentais desse processo que exige uma “confrontação com o pessimismo e o impossível” (JAMESON, 2005, p. 84, tradução minha). O segundo romance de Natalia Borges Polessa, *A extinção das abelhas* (2021), lida justamente com o pessimismo, o colapso e a letargia do Brasil contemporâneo, ainda que se possa aventar um desejo utópico ao final da narrativa.

Nesse romance, é possível também refletirmos sobre a noção de futuro que experimentamos na contemporaneidade. Para o historiador Marcelo Jasmin, atualmente é possível perceber que “os modelos tradicionais e modernos de temporalidade [...] não

operam mais como no passado recente” (JASMIN, 2013). Jasmin refere-se à apreensão moderna da história, pela qual se presume expectativas para o futuro em relação ao presente. A história, teria, portanto, uma função teleológica e seria calcada na noção de progresso, tendo em vista que “o futuro não só admite a novidade radical, mas promete um mundo melhor. O tempo aparece aqui como o agente portador da mudança em direção a uma civilização superior” (JASMIN, 2013).

Segundo o historiador, essa percepção já teria se alterado no século XX, pois a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, o Holocausto e as ameaças de uma quase extinção da humanidade pela bomba atômica “derrotaram as expectativas otimistas do progresso e trouxe[ram] sombras para o horizonte da experiência presente do futuro” (JASMIN, 2013). No entanto, ainda que isto não seja discutido por Jasmin em seu ensaio, poderíamos dizer que, no período pós-guerra, as novas configurações geopolíticas que emergiram com os Estados Unidos e a União Soviética, haveria ainda uma expectativa de transformação radical no horizonte futuro, o que teria se arrefecido no final do século XX com a consolidação do neoliberalismo.

As próprias colocações de Robert Tally, Slavoj Žižek e Fredric Jameson, mencionadas no início deste artigo, apontam para um entendimento de que, sem a concepção de uma ruptura radical com o capitalismo, não há possibilidade de se vislumbrar um futuro. Marcelo Jasmin, no entanto, argumenta que não se trata da concepção de um futuro totalizante que nos levaria a um único destino, que, para Tally, Žižek e Jameson, por exemplo, envolveria o fim do capitalismo tardio. Para o historiador, o que está em

jogo é justamente uma mudança na experiência temporal na contemporaneidade, visto que “a cada época distinta corresponde uma experiência particular da estrutura temporal, uma relação histórica e socialmente específica entre passado, presente e futuro” (JASMIN, 2013).

Em seu ensaio, Jasmin propõe hipóteses para as transformações na experiência temporal pela qual passamos atualmente, mas afirma que é perceptível “a falência daquele tipo de horizonte de expectativa associado aos conceitos de movimento e às modernas filosofias da História” (JASMIN, 2013). Por um lado, ele discute um ímpeto de retomar conceitos do passado, não como uma nostalgia ou restauração, mas como uma forma de “reconhecimento de que coisas do passado que foram deixadas para trás [como as noções de república e de democracia] [foram] desprezadas no caminho pelo futurismo do progresso redentor” (JASMIN, 2013). Na persistência de recuperar tais conceitos, há, pelo menos por parte considerável da sociedade, a tentativa de reafirmar essas ideias como fundamentos cruciais da vida política. Por outro lado, Jasmin aponta para um temor do futuro, que parece estar fadado ao colapso ambiental e social. Em vez de uma perspectiva de afastar-se das experiências do passado para ser orientado pelas expectativas do futuro, que ditaria os parâmetros da história moderna, tendemos a nos apegar ao passado e não desejar a chegada do futuro.

A extinção das abelhas é um romance sobre o Brasil num futuro próximo, construído por cenas de destruição e colapso social: a pandemia – que em julho de 2021, data de publicação do romance, ainda estava eminente – já havia terminado; o presidente do Brasil é um apresentador de televisão casado com uma mulher que foi ícone

televisivo infantil no passado; as ruas das cidades foram privatizadas e a segurança é responsabilidade de empresas contratadas pelos moradores; o agronegócio dominou os meios de produção de alimentos e o uso de agrotóxico dizimou as abelhas; o trabalho é escasso e intermitente. Em Davos, criou-se o “colapsômetro” “como ‘medida de proteção e segurança planetária’” (POLESSO, 2021, p. 25). Um dos indicadores desse monumento era o número de abelhas no mundo. Inaugurado como uma obra artística “de um artista importante”, o colapsômetro representa “a era do espetáculo de circo, [a] coisa material óbvia e redundante, [pois] só palavras não davam conta” (POLESSO, 2021, p. 26). No romance, o colapsômetro substitui a divulgação de relatórios e pesquisas com o intuito de aliviar “[a] sensação de desânimo. Não se podia aventar dados de uma catástrofe potencial”, pois era “melhor [...] anunciá-la com um termômetro, fechamentos e pirotecnia. Isso gerava segurança. Afinal, todos poderiam acompanhar no aplicativo” (POLESSO, 2021, p. 26). Como um romance que se passa num tempo futuro ao momento em que foi publicado, a noção de futuro em *A extinção das abelhas* serve tanto como um alerta direcionado ao mundo exterior à narrativa quanto como um elemento temporal no desenvolvimento do enredo e na construção da protagonista Regina e de sua mãe, Guadalupe (Lupe).

Analisando os elementos espaciais e urbanos do romance, a pesquisadora Natalia López aponta para um “processo de ruinação” na narrativa de Polesso, que é caracterizado pela descrição de um espaço que não é prontamente identificado, pela lógica de condomínios fechados e vigiados e por restos de edifícios, praças, ruas e comércios que não sobreviveram à catástrofe ambiental e

social (LÓPEZ, 2022). Nessa configuração espacial, López explica, as ruínas são lixo, completamente desvalorizadas e representam escombros que trazem memórias afetivas para Regina, mas que também impedem que ela consiga fugir desse espaço de destruição, como fazem suas amigas Aline e Paula.

É justamente esse bloqueio de um futuro e um apego ao passado materializado pela destruição que fazem com que Regina fique estagnada nessa cidade, Santiago, no interior do Rio Grande do Sul, formada por ruínas e sem perspectivas. O enredo do romance desenvolve-se, nas duas primeiras partes, como uma estagnação do presente: o passado é configurado como ruínas que trazem lembranças à protagonista, como aponta López, mas não tem função pedagógica nem tampouco há um desejo de se voltar a ele, ainda que, por vezes, ele é apresentado de maneira nostálgica. No entanto, é na terceira parte do romance que a fuga da protagonista para um destino fora do Brasil, acompanhada pela amiga Lu e um grupo de mulheres, sugere uma noção de futuro associado ao movimento de fuga. Porém, como mostrarei na última parte deste artigo, o movimento no espaço não necessariamente significa um progresso no tempo, mas, de certa forma, uma extensão do presente.

Se a noção moderna de história está calcada na ideia de que o presente histórico está inevitavelmente associado a um futuro civilizatório (KOSELLECK, 2004, p. 32), essa concepção é posta em xeque no romance pelo que seria “o fim do mundo” e pela melancolia de Regina e a sua estagnação. Para López, Regina é caracterizada pelo que a pesquisadora denomina de “afetos topofílicos”, que consiste numa “forte afeição ou num afeto que [...] [a] liga com a cidade” (LÓPEZ, 2022, 30’30”, tradução minha), dificultando a sua

fuga desse espaço urbano em colapso. Nesse sentido, argumento que é possível associar essa falta de movimento da protagonista a uma falta de expectativa, de horizonte ou de futuro, que também confere à narrativa uma noção de um presente infundável.

LIMBOTOPIA: UMA DISTOPIA DO PRESENTE

Com o fim das ideologias utópicas do século XX, como a resignação ao sistema capitalista e a derrota do socialismo que Tally, Žižek e Jameson mencionam, Elana Gomel e Vered Karti Shemtov postulam que “o futuro não parece mais suficientemente distinto do presente para assegurar uma representação utópica ou distópica” (GOMEL e SHEMTOV, 2018, p. 61, tradução minha). Tradicionalmente, são as utopias e distopias que lidam com o futuro. Porém, devido a essa noção do futuro como algo tão semelhante ao presente, as autoras propõem o surgimento de um novo gênero: a limbotopia. Trata-se de um “gênero do presente contínuo” (GOMEL e SHEMTOV, 2018, p. 61, tradução minha), no qual “o presente é o futuro e o futuro é o presente [...]. Há normalmente uma progressão do início ao fim de uma história, mas a realidade ao redor não muda muito” (GOMEL e SHEMTOV, 2018, p. 63, tradução minha). Segundo as autoras, a limbotopia representa, de forma crítica ou não, um bloqueio do futuro e um impasse na história: é uma repetição do presente que não leva nem ao progresso nem ao apocalipse.

Nas duas primeiras partes do romance de Polesso, é possível identificar os elementos da limbotopia: o desenvolvimento do enredo baseia-se na estagnação física e emocional da protagonista, visto que ela é a personagem que não consegue escapar daquela cidade em ruínas, como bem apontou López, e todas as memórias

que ali estão. Quando Aline, sua melhor amiga, conta a Regina que conseguiu uma vaga no Imperial College, na Inglaterra, para estudar, a protagonista tenta se mostrar animada com a notícia, mas pensa, “[t]udo sumiu por um segundo. Meu elo com aquele mundo. Com o passado. Com o futuro. Minha conexão com a terra” (POLESSO, 2021, p. 44). Com a ausência de Aline, o que parece restar para Regina é uma conexão contínua com o presente, com o dia a dia numa cidade na qual todos parecem estar de partida.

Uma situação semelhante ocorre quando Paula, uma professora universitária de 60 anos com quem Regina já teve um caso amoroso, diz que decidiu se mudar para Portugal com um grupo de amigas. Ao contrário do que acontece com Aline, Regina demonstra raiva, medo e angústia ao escutar que ela também escaparia daquelas ruínas. Elas têm uma discussão e Paula tenta convencer Regina de que ela ainda é nova e poderia “dar um jeito na vida” (POLESSO, 2021, p. 94). Nota-se, nessa cena, que, no lugar da ruptura do elo temporal com o mundo que a partida de Aline traria, a notícia da emigração de Paula provoca uma imagem de destruição espacial:

A Paula tinha sessenta [anos]. Eu tinha uma casa caindo aos pedaços que não conseguia vender por uma série de burocracias que deixei acumular em gavetas e cartórios e que tinham a ver com a certidão de óbito do meu pai e o desaparecimento da minha mãe. A Paula disse que o mais fácil seria passar um trator no terreno e vender o pedaço de terra sem nenhuma história em cima. Como se fosse simples passar um trator no passado. Bem que eu queria. (POLESSO, 2021, p. 96)

A sugestão de Paula para que Regina tentasse vender o terreno onde fica a casa deixada pelos seus pais suscita na protagonista

uma ideia de que seria necessário destruir o passado (a casa) para que ela pudesse pensar num futuro. Cabe aqui a interpretação de López de que Regina é caracterizada pelo seu “afeto topofílico” com a cidade em que vive. Esse afeto não é constituído apenas por sua espacialidade, que consistiria num elo entre o corpo e o espaço urbano, mas é também temporal no sentido de que essa afeição pelo espaço ao seu redor é construída pelas memórias do passado (ruínas) e por uma ideia de que, no futuro, haverá somente algo semelhante ao presente. Ou seja, há um bloqueio de futuro justamente porque não se pode vislumbrar expectativas no horizonte temporal da protagonista.

Na primeira parte do romance, a vivência nessas ruínas determina que o presente de Regina seja repleto de memórias, geralmente ruins: ela constantemente lembra do dia em que Aline foi estuprada, do declínio de saúde de seu pai depois que a sua mãe abandonou a família, da ausência da mãe, da solidão e da falta de perspectivas. Além dessas lembranças, há também o fantasma da gata de Regina, Paranoia, que já estava morta, por todos os cantos. Uma semana depois de sua morte, ela ainda vê o bicho “passar atrás de um móvel, subir na cama, beber água da pia” (POLESSO, 2021, p. 14), parado em algum canto da casa fitando-a com os olhos brilhantes ou, até mesmo, sentia Paranoia “se enroscar [em suas] pernas” (POLESSO, 2021, p. 138). As ações de Regina são restritas a um presente que é determinado pelo passado. Pode-se dizer, nesse caso, que há a predominância de um “cronótopo do presente extenso” (*chronotope of the broad present*), definido por Hans Ulrich Gumbrecht como uma nova estrutura temporal emergente na segunda metade do século XX, na qual

[...] o novo presente (que continua a ser o nosso presente no início do século XXI) é um em que todos os paradigmas e fenômenos do passado estão justapostos como se estivessem disponíveis à pronta entrega. Em vez de deixar o passado para trás, esse presente é inundado com o que passou e, ao mesmo tempo, enfrenta um futuro que, em vez de ser um horizonte aberto de possibilidades, parece ocupado por ameaças que estão inevitavelmente se movendo em nossa direção – pode-se pensar no aquecimento global como um exemplo. (GUMBRECHT, 2015, p. 276, tradução minha)

Em *A extinção das abelhas*, o presente é constituído por assombrações do passado e o futuro é adiado pela protagonista o máximo possível. Voltando às discussões sobre futuro articuladas por Marcelo Jasmin, percebemos que as colocações de Gumbrecht também apontam para uma nova estrutura temporal da história, na qual o futuro não representa mais o progresso ou o descolamento do passado. No romance de Polesso, essa temporalidade histórica que experimentamos torna-se evidente, pois a única possibilidade de se ter uma noção de futuro é justamente a fuga. Porém, esse futuro aparece como um adiamento das ameaças que já acontecem e estão por vir: violência urbana, perseguição a mulheres lésbicas, desemprego, fome, catástrofes ambientais e sanitárias.

Na segunda parte do romance, os capítulos são ainda mais curtos e baseados em notícias factuais que funcionam como um alerta do apocalipse iminente do mundo real e a narrativa culmina na loucura e no desamparo de Regina. Nessa seção, realidade e ficção se misturam. Há uma sequência de notícias verdadeiras que são apresentadas juntamente com elementos ficcionais do enredo

que imprimem o estranhamento típico da distopia. Por um lado, Polesso relata informações que saíram na imprensa no passado recente, referentes à astronomia (a descoberta da Radcliffe Wave, que estaria perto do nosso sistema solar, e a possível explosão da constelação Betelgeuse); a tragédias ambientais (as queimadas no Pantanal, a catástrofe de Brumadinho, a morte das abelhas e o uso desenfreado de agrotóxicos) e às catástrofes sociais (crises sanitárias, migração, política).

Entre essas notícias, familiares para o leitor minimamente informado, a autora relata eventos ficcionais, como a cidade de Regina, entre outras, que se tornaram depósito de lixo provindo de todos os cantos, milhares de carros tentando escapar da catástrofe que encrudesce, e um decreto que determina o encerramento de uma região do Rio Grande do Sul devido ao seu colapso total. No Brasil retratado por Polesso, na primeira parte do romance, o futuro só é possível escapando do apocalipse, como fazem Aline e Paula, ou pela alienação total pelo dinheiro. Esse é o caso de Eugênia e Denise, mães de Aline, que são proprietárias de uma empresa de cosméticos e defendem as regras da meritocracia para a sobrevivência. Para Regina, que não escapa nem se aliena num condomínio fechado, o futuro parece inviável e o passado, uma assombração.

Na segunda parte do romance, Regina passa a viver nas ruas e torna-se um animal em extinção, como a gata Paranoia e as abelhas. Antes, agarrava-se às memórias do passado; depois, ressentida a inércia do passado mais recente, quando “evitamos pegar em armas, enquanto morriam tantos pelas mãos paramentadas do poder. Mas escolhemos acreditar em palavras sem sentido como cosmos, salvação e democracia” (POLESSO, 2021, p. 231). Regina

sente-se culpada por ter acreditado, por ter aceitado uma vida comum quando claramente já havia sinais catastróficos: “Economia financeira desumana. Sem personagens. Eu só queria ter dinheiro para pagar um botijão de gás. Para viajar, quem sabe. Para onde, agora? Não há nada. Não há desejo. Nos tiraram o desejo” (POLESSO, 2021, p. 232). Um mundo sem pessoas; pessoas sem dinheiro e desprovidas de desejo: esse é cenário da catástrofe em andamento e da qual Regina não consegue fugir.

Contudo, o declínio psicológico da protagonista em paralelo ao recrudescimento das crises sociais, sanitárias, políticas e sociais são mitigados no último capítulo da segunda parte, intitulado “Vão”. O título pode significar tanto o verbo “ir” na terceira pessoa do plural (de “elas vão”) quanto uma lacuna, um espaço de transição a ser preenchido, uma espécie de corredor que leva o leitor até a última parte do romance. Vale lembrar que o capítulo anterior a “Vão” reflete sobre o fim do mundo, o qual “os especialistas, os sociólogos, as antropólogas, as ambientalistas, os psicólogos, as campesinas, as professoras, os açougueiros, as profetas” chamam de “O desmoronamento”. Já consumida por sua loucura, Regina pergunta a si mesma, “[c]omo posso explicar a mim mesma sobre o fim?” (POLESSO, 2021, p. 238). A explanação dá-se por esse capítulo de transição, que se inicia com um tom apocalíptico, no sentido de revelação, “pressup[ondo] uma mudança dramática de status quo” (GOMEL e SHEMTOV, 2018, p. 62, tradução minha), mas que termina com uma mensagem de devastação.

No início desse capítulo, há uma alegoria da criação da Terra pela vulva e pela homossexualidade feminina:

No princípio era a palavra.
Não a palavra inerte, mas a língua em ação.
Intenção de matéria. Fricção.
Depois abriu seus grandes lábios e da umidade de seu interior lançou a luz e a dividiu da escuridão numa lufada. Encarou a claridade e a negrura, acarinhou ambas as superfícies e as amou igualmente. Eis que, de sua pressão amorosa, surgiu a matéria. Toda líquida, toda gasosa, toda sólida, toda etérea. (POLESSO, 2021, p. 241)

Nessa nova criação, a claridade é o momento de esperança, um impulso utópico de construção de algo novo a partir da vulva, que é construída pelas palavras “grandes lábios” e “umidade”. A associação da genitália feminina e o sexo entre mulheres (“língua em ação”; “fricção”) com a necessidade do uso da palavra que seja ativo e atuante confere à narrativa um horizonte futuro que nasce da escuridão e se direciona à claridade. Entre os capítulos focalizados em Regina, esse é o único das duas primeiras partes do romance que evoca expectativa.

Polessos lança mão da figura de um Deus que cria a natureza e os humanos, até que “se entediou de sua criação e abandonou. Deitou-se enfadado” para logo despertar e apreender “que na esfera que havia praticado com suas criaturas, controle não mais havia” (POLESSO, 2021, p. 242). Deus deserta as suas criaturas sem perdoar o aborrecimento causado por elas e, assim, em inflexão profética, ele “retirá letra por letra os sons de seu nome, até não restar nada, até que Deus perca todo o sentido” (POLESSO, 2021, p. 243). Enquanto os primeiros parágrafos de “Vão” insinuam um horizonte apocalíptico que acarretaria numa revelação divina, o final do capítulo decreta a profecia do apocalipse como um fim que, na verdade, não chega.

Gomel e Shemtov chamam a atenção para o fato de que o termo “apocalipse”, em sua origem bíblica, está associado a revelações e profecias de novos tempos. Discutindo o gênero popular do “apocalipse zumbi”, as autoras afirmam que se trata de um uso errôneo do termo, visto que, nessas narrativas, “não há revelação nem conclusão. Os mortos levantam-se, matam os vivos, que se levantam novamente... e assim por diante” (GOMEL e SHEMTOV, 2018, p. 62-63, tradução minha). Sendo assim, esse gênero pode ser considerado um exemplo da estrutura da limbotopia, pois “eles violam categoricamente as regras comuns do gênero apocalíptico” (GOMEL e SHEMTOV, 2018, p. 63).

Pode-se dizer que algo semelhante ocorre em *A extinção das abelhas*, pois não há revelação nem tampouco mudanças radicais. Embora haja elementos das narrativas apocalípticas, principalmente no que diz respeito à descrição dos espaços devastados, a tentativa das personagens de escapar desse lugar e a profecia de catástrofes iminentes, o enredo parece girar em torno de uma repetição de ações da protagonista e dos eventos que ocorrem ao seu redor. A vida de Regina é determinada por sua precariedade financeira (trabalho escasso e intermitente), pela fragilidade de sua saúde (a diabetes, a dificuldade de obter insulina e de ter uma dieta condizente com a doença), pela solidão e pela estagnação, justamente por não conseguir fugir e abandonar o passado ou, até mesmo, instalar-se nos condomínios fechados com Denise e Eugênia.

Em seu entorno, há somente ruínas de uma cidade cujos habitantes querem escapar, notícias de um país que está em crise política, social, ambiental e sanitária, e a perseguição constante à população LGBT. Aline, inclusive, foi estuprada enquanto caminhava

para casa porque “sites que incentivavam a perseguição, o estupro e o extermínio de mulheres lésbicas e homens trans pululavam na internet [...] um jogo com milhares de participantes espalhados pelo mundo. [...] Com pontuação e ranking” (POLESSO, 2021, p. 114). No romance, o movimento é a única maneira de romper com a reincidência infundável das tragédias e com a melancolia. Na terceira parte, Regina tem a oportunidade de fugir com um grupo de mulheres. Na próxima seção deste artigo, discutirei o papel do movimento na construção de um horizonte de expectativas e os efeitos que esse elemento confere ao enredo e à caracterização da protagonista.

O MOVIMENTO COMO IMPULSO UTÓPICO?

A terceira e última parte de *A extinção das abelhas* começa com a palavra “clareza”. Percebe-se aqui uma continuidade das imagens de revelação e destruição que não se concretizam na segunda seção do romance. No entanto, no primeiro capítulo da terceira parte, essas imagens sugerem a morte. Enquanto, em “Vão”, temos uma imaginação de origem do mundo que acaba com o desejo de Deus de remover tudo aquilo que criou, o capítulo seguinte, que não tem título, inicia-se com a clareza para desvelar que Guadalupe (Lupe), mãe de Regina, faleceu.

No romance, Polesso contrasta a personagem de Regina com a de sua mãe, que fugiu com um circo quando Regina ainda era criança. Lupe vive um romance poliamoroso com Bira, Rosca e Lena, os donos do circo, e larga tudo para atuar como a mulher gorila na atração da Monga. Regina, por sua vez, faz programas vestindo uma cabeça de gorila e atuando como uma dominatrix no mundo da prostituição

virtual. Lupe é uma personagem que é livre no amor e na vida: ela não tem apego aos seus amores – nem Bira, Rosca e Lena – e viaja o mundo de acordo com as possibilidades que aparecem. Ao longo da primeira e terceira partes do romance, Polesso intercala as histórias de Regina e de Lupe: enquanto Regina representa estagnação e melancolia, Lupe é movimento e desprendimento.

Depois de viver como uma nômade pelo mundo, Lupe volta ao Brasil e passa a viver com uma comunidade de agricultores no norte do país, na região amazônica que faz fronteira com o Peru e a Bolívia. Ela morre na beira da estrada enquanto voltava a pé de Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia. Lupe fazia uma caminhada que durou meses porque “andava com saudade de algo, mas não sabia indicar o que era”, percebeu que tinha “vontade imensa de voltar e, quando chegou, percebeu que a vontade dizia respeito ao tempo e não à geografia. Queria estar de volta ao passado” (POLESSO, 2021, p. 250). A despeito de seu desejo de voltar ao passado, Lupe não vai ao Rio Grande do Sul nem procura Regina ou outros amigos e familiares que deixou para trás. A volta ao passado é apenas um desejo que não se concretiza porque, para Lupe, o importante é seguir em frente.

Nota-se que, para narrar a história de Lupe, Polesso escolhe o narrador em terceira pessoa, apresentando um distanciamento entre leitor e personagem, em contraponto com a predominância da narrativa em primeira pessoa conferida a Regina. São somente em momentos específicos em que a narração da história da mãe é em primeira pessoa. No capítulo intitulado “Responda!”, por exemplo, temos uma discussão da personagem com Lena que se dá em primeira pessoa. Há uma representação do diálogo entre as duas, mas sem as marcações tradicionais (aspas ou travessão) que

sinalizam discurso direto. Nessa ocasião, Lupe diz a Lena que não quer se comprometer em ficar com o grupo circense, porque ela “tem muitos planos. Alguns eu sei que nunca vou concretizar, mas planos são do campo da imaginação também, então eu posso ter planos mesmo sem realizá-los” (POLESSO, 2021, p. 99).

Não sabemos exatamente quando essa conversa ocorreu, mas supõe-se que antes das diversas crises que assolam o Brasil e o mundo. Porém, o que fica evidente no contraste entre Lupe e Regina é a capacidade que a primeira tem em vislumbrar um futuro (fazer planos), enquanto a protagonista mantém-se estagnada e apegada às ruínas da cidade. Ainda que tenha a experiência concreta do declínio da vida em meio às catástrofes no Brasil, Regina, definida por seu “afeto topofílico”, não consegue colocar-se em movimento. Em carta de despedida à sua filha, Lupe explica que “sempre soube muito bem pra onde [...] queria ir e onde não queria estar, o que [...] queria ver o que não queria”, até que se cansou e decidiu “ir para um lugar jamais imaginado” (POLESSO, 2021, p. 300). Assim, chegou ao norte do país e, como viveu numa comunidade isolada, o colapso não afetou a sua vida como ocorreu com aqueles que viviam nos grandes centros. Mesmo com o “desmoronamento” em curso, Lupe consegue aventurar-se numa viagem para Bolívia e depois voltar ao Brasil numa caminhada que dura meses.

Pode-se dizer que, no romance, o “movimento no espaço torna-se um substituto do progresso no tempo; no entanto, esse movimento é repetitivo, tortuoso e insignificante” (GOMEL e SHEMTOV, 2018, p. 69, tradução minha). As histórias de Lupe e de Regina são narradas pela repetição. Apesar da diferença

entre as personagens, calcada no movimento e na estagnação, é interessante notar como não há mudanças contundentes em seu desenvolvimento. A mãe está sempre em movimento (viaja com o circo, mora nos Estados Unidos, vai para a África do Sul, volta ao Brasil para morar na fronteira amazônica entre o país, o Peru e a Bolívia) e sempre abandona as relações afetivas que constrói (primeiro, Regina e seu pai; depois Lena, Rosca e Bira; mais tarde, Thomas). A sua constância é fundamentada pelo desprendimento, pela facilidade em se desvincular afetivamente de um grupo e de um ambiente. Em contrapartida, Regina permanece na cidade onde cresceu e sente-se incapaz de mover-se em outra direção. As duas personagens têm em comum a solidão: Lupe porque consegue abandonar prontamente aqueles que a amam; Regina porque sua afetividade é voltada às ruínas e, portanto, não consegue acompanhar aquelas que a amam e que optaram por deixar a cidade. Não há progresso para nenhuma das personagens, somente uma contínua repetição, por meio de diferentes ações, daquilo que as define como personagens.

Independentemente do movimento constante de Lupe e da estagnação de Regina, os caminhos das duas personagens se encontram durante o auge das catástrofes, mas não fisicamente. É no momento em que Lupe morre que Regina “cruzou a fronteira. Naquele momento exato, [...] pensou na mãe e pela primeira vez sentiu uma leveza de mundo, como se tivesse cruzado mais do que uma geografia” (POLESSO, 2021, p. 279). Ela havia sido resgatada por Lu, que a encontrou em surto numa casa abandonada, levando consigo uma mochila com lixo e um gato morto. A amiga consegue levá-la para o grupo de mulheres com quem se juntara para fugir

para a Argentina e depois, Bolívia, mais precisamente para Santa Cruz de la Tierra, cidade que Lupe havia visitado antes de morrer. Na terceira parte do romance, a história de Regina passa a ser narrada em terceira pessoa, em contraponto à narração em primeira pessoa das partes anteriores. Pode-se dizer que essa mudança está associada à entrada de Regina nesse grupo, composto por Lu, Pietra, Glória e Aurora. Enquanto as duas primeiras seções do romance apresentam Regina em constante despedida, na terceira, há a possibilidades de encontro e da construção de afeto.

O encontro entre as mulheres é uma ponta de esperança que abre a possibilidade para “[o]utra vida. Uma que não fomos capazes de imaginar” (POLESSO, 2021, p. 276). Nessa outra vida, há outras mulheres que fazem parte de uma resistência articulada para resgatar pessoas do apocalipse brasileiro. Não há um desfecho concreto nem um modelo de sociedade perfeita ou uma alternativa radical, mas uma alternativa possível. É interessante notar que Regina e essas outras personagens não têm outra opção que não seja sobreviver. As mulheres param em Nhu Porã, na fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina, e o objetivo delas é seguir para Resistencia, no país vizinho, para depois chegarem a Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia. Na casa de Nhu-Porã – a primeira parada, já na fronteira com a Argentina – Regina passa a tentar se incluir no grupo e começa a construir novas relações de afeto com aquelas mulheres.

Seria o encontro com esse grupo um elemento utópico na narrativa de Polesso? Numa perspectiva feminista, pode-se refletir sobre o romance à luz do que Dunja Mohr denomina como “distopias utópicas transgressivas”. Segundo Mohr, trata-se de um

subgênero feminista que pressupõe indicações utópicas dentro da narrativa distópica e que questiona a lógica totalizante da distopia. As distopias utópicas transgressivas

descartam a polarização da distopia estática e da utopia estática, da tese e antítese e, portanto, nunca chegam a uma síntese que compreende a noção utópica clássica de um modelo para a perfeição (MOHR, 2007, p. 10, tradução minha)

Esse subgênero recusa o efeito totalizante das distopias e utopias clássicas e, como acontece em muitas narrativas distópicas pós-modernas, o romance de Polezzo rechaça “um desfecho narrativo (a perfeição)” (MOHR, 2007, p. 9, tradução minha). Em *A extinção das abelhas*, o potencial utópico manifesta-se pela rede de resistência estabelecido por essas mulheres que decidem sobreviver juntas. De fato, pode-se dizer que essa é uma resistência limitada que não caracteriza uma sociedade fechada e totalizante. Porém, talvez seja justamente essa limitação – e consequentemente o fracasso de não poder abranger o todo – que permita a construção de uma alternativa num contexto em que não se consegue mais ter uma visão totalizante do mundo, mas somente fragmentos dele.

O livro termina justamente com essa provocação, pois Regina entende que, apesar de que “[a]quele mundo que a gente compartilhava [seja] um lugar inacessível” (POLESSO, 2021, p. 304), é impossível eliminá-lo por completo do passado. Em uma carta à sua mãe, Regina escreve que “queria o fim de algo. Eu não sei se a gente consegue isso de forma radical. Mas, se conseguíssemos, não seria assim. Seria uma revolução mesmo e com mudanças grandes

na compreensão das coisas e dos mistérios todos” (POLESSO, 2021, p. 303). Há, nesse trecho, o reconhecimento de que uma ruptura radical necessitaria um entendimento distinto do mundo, talvez mais amplo do que se pode ter nas circunstâncias da narrativa.

Regina admite que os nossos repertórios de sonhos estão esgotados: “[a]cho que teremos que fazer o luto dos sonhos e aprender a dormir de novo, aprender a cansar um cansaço que não seja útil para dormir de novo e quem sabe sonhar de novo coisas inéditas” (POLESSO, 2021, p. 305). Em outras palavras, há a necessidade de novas formas de futuro, pois novos desejos não serão possíveis de um dia para o outro: se o progresso nos prometeu dias melhores, um futuro em aberto permite a aceitação da imprevisibilidade e a construção de novos sonhos. Porém, ainda que haja o desejo para tal transformação, tudo que Regina enxerga adiante é o fim do mundo. Ainda na carta para sua mãe, a personagem afirma que “não [sabe] imaginar um mundo novo” (POLESSO, 2021, p. 304) e que queria “que esse mundo implodisse, que as instituições caíssem, mas esse sonho também é genocida. E salve-se quem puder” (POLESSO, 2021, p. 305).

Essa noção de futuro, calcado na imprevisibilidade e na destruição, pode ser compreendida com relação “à sensação de não direcionalidade das mudanças presentes e ao temor das ameaças que preenchem o horizonte adiante” (JASMIN, 2013). Nesse sentido, pode-se aventar essa representação do futuro no romance de Polesso como um indício das mudanças em curso na estrutura temporal histórica:

Não há mais – ou não cremos mais que haja –
uma racionalidade intrínseca à História que possa

ser conhecida pela razão e que desvende o télos da caminhada temporal da humanidade. Por isso mesmo as grandes narrativas estão, pelo menos até segunda ordem, suspensas e substituídas por histórias locais, miúdas, particulares, sempre referidas à posição particular e contingente do observador. Perdido o télos, não há mais fundamento universal para uma ação do sujeito histórico na construção de um futuro antecipável pela razão. (JASMIN, 2013)

Como no romance de Polesso, não há um futuro determinado por um objetivo em comum, construído por uma história que se move em direção a um horizonte melhor, uma civilização superior. Em vez disso, há somente um futuro possível para um determinado grupo de mulheres que buscam a sobrevivência. Na carta de Lupe para Regina, ela registra que, no local onde ela vive, na fronteira do Brasil com o Peru e a Bolívia, a sua comunidade recebeu “mulheres que chegaram [...] [e] começaram um grupo de discussões e umas jornadas de formação”, o que Lupe considera “um momento bonito no qual ensinamos uns aos outros e umas às outras nossos saberes e pensamentos” (POLESSO, 2021, p. 300). Em *A extinção das abelhas*, não há mais lugar para narrativas totalizantes, mas somente para “histórias locais, miúdas”, que, no romance, estão associadas aos vínculos afetivos e sociais entre mulheres.

Na narrativa, o futuro só pode ser vislumbrado em fragmentos, restritos a esses grupos de mulheres. Por outro lado, quando contextualizado nas circunstâncias brasileiras e mundiais apresentadas no romance, esse futuro parece determinado pela imprevisibilidade e pelos riscos. Dessa forma, pode-se dizer que o movimento proporciona à protagonista mudanças relevantes para o seu desenvolvimento

emocional e afetivo. Porém, como impulso utópico, a trajetória de Regina, na última parte do romance, aponta para uma ideia de que não se pode mais pensar no progresso como algo garantido pelo futuro. O movimento no espaço seria, portanto, uma maneira de adiar o fim e, na melhor das hipóteses, tentar imaginar novas experiências que não poderão ser colocadas em prática.

CONCLUSÃO

A temática de movimento e estagnação na caracterização da personagem não é novidade na obra de Polesso. Em seu primeiro romance, *Controle* (2019), a personagem Maria Fernanda, que tem epilepsia, vive isolada e, como Regina, é um tanto melancólica. A sua estagnação está associada ao controle parental na esfera doméstica, à depressão e à dificuldade de lidar com as crises de convulsões. É a descoberta da homossexualidade que faz com que a protagonista consiga se colocar em movimento, sair de casa e encarar novas experiências (NEVES, 2020). Em *A extinção das abelhas*, a questão da homossexualidade feminina continua relevante, principalmente considerando caracterização: com exceção de Dona Norma, a moradora de rua que Regina leva para a sua casa, do pai de Regina, dos clientes da protagonista nos sites de prostituição e do vendedor do mercado local em seu bairro, todas as personagens de maior importância são mulheres lésbicas. Contudo, os temas de movimento e estagnação no romance de 2021 não estão vinculados somente à caracterização da protagonista e de sua mãe, mas também ao gênero literário da distopia e seus subgêneros, como a “limbotopia” proposta por Gomel e Shemtov, e as “distopias utópicas transgressivas” de Mohr.

Ademais, o contraste entre o movimento e a estagnação proporciona uma frutífera discussão sobre o futuro na experiência histórica contemporânea. Enquanto a noção de movimento está presente na apreensão moderna da história, pela qual entendemos o futuro de acordo com um tólos para o qual a humanidade deve se mover, nos tempos atuais a falta de um horizonte em comum, a sensação de imprevisibilidade e de constante medo do futuro “parece[m] ter nos lançado numa necessária estagnação, ainda que esta pareça estranha quando vista ao lado da permanente aceleração da inovação tecnológica e da correria de nossos cotidianos” (JASMIN, 2013). Essa estagnação, no romance, parece estar associada a uma extensão do presente que se repete e que dificulta a imaginação de um futuro constituído por múltiplas possibilidades. Não se trata apenas de conceber o fim do capitalismo como único meio de se apreender a futuridade. Como Regina afirma na carta à sua mãe, há o desejo de “sonhos inéditos”, embora eles pareçam indisponíveis em meio ao caos e à destruição que prevalecem na narrativa.

REFERÊNCIAS

GOMEL, Elana; SHEMTOV, Vered Karti. Limbtopia: the “New Present” and Literary Imagination”. *Comparative Literature*, Durham, n. 70 v. 1, p. 60-71, 2018. Available at: <https://doi.org/10.1215/00104124-4344076>. Accessed on: Jan. 2023.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Philology and the Complex Present. *Florilegium*, Toronto, v. 32, p. 273-281. Available at: <https://doi.org/10.3138/flor.32.011>. Accessed on: Jan. 2023.

JAMESON, Fredric. *Archaeologies of the Future: the Desire Called Utopia and Other Science Fictions*. Londres, Nova York: Verso, 2005.

JAMESON, Fredric. *The Seeds of Time*. Nova York: University of Columbia Press, 1994.

JASMIN, Marcelo. Futuros Presentes. *Artepensamento*. Instituto Moreira Salles, 2013. Disponível em: <https://artepensamento.ims.com.br/item/futuros-presentes/>. Acesso em: jan. 2023.

KOSELLECK, Reinhart. Historia Magistra Vitae: The Dissolution of the Topos into the Perspective of a Modernized Historical Process. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futures Past: on the Semantics of Historical Time*. Nova York: Columbia University Press, p. 26-42, 2004.

LÓPEZ, Natalia. Cartografías urbanas e regionales en las narrativas distópicas latino-americanas: *Mugre Rosa* de Fernanda Trías e *A extinção das abelhas* de Natalia Borges Polesso. *IV Interferências*. Universidade Federal Fluminense, 21 de novembro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/adRqY0iZdjM?feature=share>. Acesso em: jan. 2023.

MOHR, Dunja. Transgressive Utopian Dystopias: The Postmodern Reappearance of Utopia in the Disguise of Dystopia. *Zeitschrift für Anglistik und Amerikanistik*, Berlim, n.1, v. 55, p. 5-24, 2007. Available at: <https://doi.org/10.1515/zaa-2007-0103>. Accessed on: Jan. 2023.

NEVES, Júlia Braga. Movimento e estagnação em *Controle*, de Natalia Borges Polesso. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, v. 61, p. 1-11, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-4018612>. Acesso em: jan. 2023.

POLESSO, Natalia Borges. *A extinção das abelhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

TALLY, Robert T. Jr.. The End-of-the-World as World System. In: FERDINAND, Simon; VILLAESCUSA-ILLÁN, Irene; PEEREN, Esther. *Other Globes: Past and Peripheral Imaginations of Globalization*. Nova York, Londres: Palgrave Macmillan, p. 267-283, 2019.

ZIZEK, Slavoj. The Spectre of Ideology. In: ZIZEK, Slavoj (Ed.). *Mapping Ideology*. Londres: Verso, p. 1-39, 1994.